

grandeza da proximidade ao possível mistério que se invoca em «A viagem»: está-se algures fora da perfeição possível, mas há sempre dela uma presença memorial ontológica que convoca.

Esta convocação é indiscernível do movimento que ergue a pessoa e lhe dá o alento para que possa ser abismo no abismo, em permanente ato de amor ao mesmo abismo. A salvação é, já, «aqui», nesta, única, «viagem»: a viagem é a salvação. Não há outra. O abismo é Deus. Mas este é tema para um estudo muito mais vasto.

11.14. A Redenção à luz da obra de Natália Correia

Paula Almeida Mendes

Figura versátil na moldura literária e cultural do Portugal contemporâneo, Natália Correia é, ainda hoje, pela sua natureza singular e heterogeneidade da sua obra, objeto de atenção e interesse por parte de investigadores¹⁹¹⁹ e leitores. Com efeito, esta açoriana, nascida a 13 de setembro de 1923, na Fajã de Baixo, na ilha de São Miguel (Açores), cedo se destacou no âmbito da produção literária – lembremos que se estreou com a publicação da obra infanto-juvenil intitulada *A Grande Aventura de um Pequeno Herói*, em 1945 –, claramente imbuída de tendências surrealistas, declinada em várias tipologias textuais, que se foram «desdobrando» em múltiplas dimensões – não raras vezes inscritas em um contexto de polémica – que vão da moldura política, de natureza reacionária ao regime fascista, à espiritualidade e ao culto ao Espírito Santo, cuja simbologia a conduziu a desenvolver o conceito de «Mátria»¹⁹²⁰ que, como é sabido, deu título a um programa televisivo, em 1986. Entre as várias temáticas e problemáticas equacionadas pela obra nataliana, contam-se as da redenção e da escatologia, que comportam reflexões em torno do paganismo e do cristianismo, perspetivando formas várias de estabelecer relações com a esfera do Divino. José Augusto Mourão realçou já que «Natália Correia é, entre nós, o escritor que mais provocantemente

¹⁹¹⁹ Natália Correia, *10 Anos Depois...*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Secção de Estudos Franceses do DEPER, 2003; Ângela Maria Duarte de Almeida, *O Panteísmo Pentecostal de Natália Correia e o culto do Espírito Santo nos Açores*, Lisboa, 2005, Tese de Doutoramento em Literatura Portuguesa apresentada à Universidade Autónoma de Lisboa; *Natália Correia: A Festa da Escrita*, org. de Maria Fernanda de Abreu et al. Lisboa, Colibri, 2010; Cristina de Jesus Espiguinha Dias, *A alma universal sob a libertação da escrita. Demonstração teórico-prática da unidade de sentido da obra literária édita e inédita de Natália Correia*, Évora, 2018, Tese de Doutoramento em Literatura apresentada à Universidade de Évora.

¹⁹²⁰ Luís Adriano Carlos, «A Mátria e o Mal em Natália Correia», in *Via Atlântica*, n.º 7 (2004), p. 71-81; Josyana Malta Nascimento, «A mátria de Natália Correia. Uma utopia libertária», in *Vere-das: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n.º 26 (jul./dez. 2016), p. 16-35.

questiona a quietude morna das expressões da nossa crença», convidando «a compreender o nosso espaço-tempo através duma prática figurativa (a da religião), sabendo ser absurdo ignorar a religião na construção da nossa mentalidade, impregnada que está da tradição judeo-cristã»¹⁹²¹. Neste sentido, «o seu projecto visa fundamentalmente reduzir os grandes dualismos» da nossa cultura, «contrariando simultaneamente o *charme* funesto do “desencantamento” niilista»¹⁹²².

Pese embora o dualismo que grande parte da obra de Natália Correia comporta, importará destacar que a Bíblia se assume como um «macro código», configurando uma tendência que, na linha da matriz judaico-cristã, vinha emulando a Sagrada Escritura enquanto «paradigma de interpretação do mundo», alimentando a produção de textos que se inscrevem em várias e diversas tipologias literárias, através de múltiplas releituras, revisitações e reatualizações¹⁹²³. Ora, é, justamente, esta dimensão, pautada por moldes que visam a desconstrução e, não raras vezes, a subversão, que encontraremos na obra nataliana.

Como realçou Isabel Allegro de Magalhães, «na sua relação com o Cristianismo, e com os textos do Antigo e do Novo Testamento (AT, NT), essa insubmissão, esse apelo transgressor, adquirem modalidades diversas, contraditórias até (como sempre em Natália), obedecendo, no entanto, a um propósito que é claramente transversal à obra e que poderá ser formulado [...] como o de uma busca “indivisa” da “inteireza” em falta, busca de “totalidade”, de “absoluto”, para que aconteça um regresso às origens»¹⁹²⁴. Deste modo, na moldura configurada pela esfera do Divino, o paganismo assume, na obra de Natália Correia, uma centralidade inequívoca, declinada, por exemplo, na importância que, muito especialmente, as deusas, emuladas como uma espécie de «Mães» – inscrevendo-se, deste modo, na esteira da fortuna do culto da «Deusa-Mãe» ou da «Grande Deusa», estudado por Dalila Pereira da Costa¹⁹²⁵ – aí merecem¹⁹²⁶, filiando, assim, muitos dos seus textos em um veio literário constituído pelos contributos de autores como Alberto Caeiro ou Antero de Quental¹⁹²⁷. Como salientou José António Garcia de Chaves, «o poema Mátéria não é, evidentemente, indiferente a este tópico,

¹⁹²¹ José Augusto Mourão, «A sedução do múltiplo. Natália Correia: literatura e paganismo», in *Colóquio/Letras*, n.º 104-105 (Julho-Outubro de 1988), pp. 85-86.

¹⁹²² José Augusto Mourão, «A sedução do múltiplo. Natália Correia: literatura e paganismo», art. cit., p. 86.

¹⁹²³ Northrop Frye, *The Great Code: the Bible and literature*, San Diego, Harcourt, 2002; José Carlos Carvalho, «O grande código bíblico entre descodificações e interconexões», in *Via Spiritus* 12 (2005), pp. 155-171.

¹⁹²⁴ Isabel Allegro de Magalhães, «Rastos bíblicos na obra de Natália Correia», in *Scripta*, Belo Horizonte, v. 8, n.º 15 (2.º semestre de 2004), p. 65.

¹⁹²⁵ Dalila Pereira da Costa, *Da Serpente à Imaculada*, Porto, Livraria Chardron, 1984.

¹⁹²⁶ Isabel Allegro de Magalhães, «Rastos bíblicos na obra de Natália Correia», art. cit., p. 68.

¹⁹²⁷ Isabel Allegro de Magalhães, «Rastos bíblicos na obra de Natália Correia», art. cit., p. 66.

visto que, juntamente com o romance *A Madona*, Natália Correia legitima um vector temático que nos cabe sublinhar e que foi apontado por António Quadros, ao afirmar que ambas as obras “exaltavam o triunfo da Mulher-Mãe-Amante sobre o Homem despedaçado, que só encontrará a Salvação nos seus braço protectores e regeneradores”¹⁹²⁸.

Com efeito, a noção de Divino, pagão¹⁹²⁹ ou cristão, comporta, na maioria das vezes, uma dimensão conotada com o género feminino, que parece, assim, colmatar o facto de Deus e Cristo não possuírem uma natureza feminina. E é, justamente, essa «face feminina» que Natália se esforça por integrar em uma conceção que contempla o Espírito Santo. José Augusto Mourão chamou já a atenção para os moldes em que a problemática em torno do Espírito Santo é equacionada por Natália Correia¹⁹³⁰, sublinhando a influência que terão exercido os escritos de Joaquim de Flora¹⁹³¹, mas também de outros profetas e visionários: «é esta sociologia da esperança que Natália Correia reconhece transplantada para os Açores e presente naquilo a que ela própria chama a “mística pentecostal”¹⁹³². Deste modo, Natália Correia desenvolve esta temática, inscrevendo-a em uma dimensão messiânica, de natureza «feminina», tratada em vários escritos da autora, que configuram um veio literário polarizado em torno de uma interpretação mítica da cultura portuguesa, recentemente editados por José Augusto Franco e José Augusto Mourão¹⁹³³. Como realçou Ângela Almeida, «o Amor pentecostal será o ideário que marcará o seu trajeto literário, deixando ainda um aviso a Portugal – (...) não percas a rosa»¹⁹³⁴.

¹⁹²⁸ José António Garcia de Chaves, *As tonalidades do discurso poético de Natália Correia: a imagem da Mater Domine ou o triunfo do amor*, Funchal, Universidade Católica Portuguesa, 2003, dissertação de Mestrado, p. 128. Cf. também António Quadros, «Uma peregrinação – iniciação matrística. *A Madona*, de Natália Correia, uma proposta de hermenêutica, in *Estruturas simbólicas do imaginário na literatura portuguesa*, Lisboa, Átrio, 1992, pp. 173-179.

¹⁹²⁹ António Manuel de Andrade Moniz, «O canto dos deuses na poesia de Natália Correia», in *Natália Correia: A Festa da Escrita*, org. Maria Fernanda de Abreu et al., Lisboa, Colibri, 2010, p. 93-103.

¹⁹³⁰ José Augusto Mourão, «A mística pentecostal de Natália Correia», in *Natália Correia: A Festa da Escrita*, org. Maria Fernanda de Abreu et al., Lisboa, Colibri, 2010, pp. 125-136.

¹⁹³¹ *Il profetismo gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento. Atti del III Congresso Internazionale di Studi Gioachimiti* (a cura di Gian Luca Potestà), Genova, Marietti, 1991; Marjorie Reeves, Warwick Gould, *Gioacchino da Fiore e il mito dell'Evangelo eterno nella cultura europea*, Roma, Viella, 2000. Veja-se também José van den Besselaar, *O Sebastianismo – História sumária*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, pp. 17-25.

¹⁹³² José Augusto Mourão, «A mística pentecostal de Natália Correia», ob. cit., p. 128.

¹⁹³³ José Eduardo Franco; José Augusto Mourão, *A influência de Joaquim de Flora em Portugal e na Europa. Escritos de Natália Correia sobre a utopia da Idade Feminina do Espírito Santo*, Lisboa, Roma Editora, 2005.

¹⁹³⁴ Ângela Maria Duarte de Almeida, *O Panteísmo Pentecostal de Natália Correia e o culto do Espírito Santo nos Açores*, ob. cit., p. 16.

Mas pensar a problemática polarizada em torno do(s) messianismo(s) implica, naturalmente, avaliar os moldes em que a figura de Cristo é equacionada na obra nataliana, destacando, especialmente, o seu nascimento, Paixão e Ressurreição, destacando a sua importância em uma perspectiva escatológica. Alguns textos de Natália Correia declinam uma desconstrução dos Evangelhos, que «descobriam», desde logo, na «Natividade os *sinais* dos mistérios finais da Redenção...»¹⁹³⁵, condicionando todo o devir da humanidade. O nascimento de Cristo teve como propósito a reconciliação da humanidade com Deus e, sobretudo a partir do século XVI, na esteira das místicas medievais e da fortuna da *Imitatio Christi* de Tomás de Kempis, privilegiar-se-á, na moldura literária e nas artes, nomeadamente na iconografia e na estatuária, a Sua Humanidade e o seu papel de Redentor.

Como é sabido, a figura do Menino Jesus suscitou, desde cedo, uma muito significativa atenção¹⁹³⁶, como o testemunham não apenas os Evangelhos canónicos (Lucas I, 26-45; II, 1-52, e Mateus I, 18-25; II, 1-23), como também os Evangelhos apócrifos¹⁹³⁷: ora, tal não nos deve causar estranheza, na medida em que, como sublinharam já vários textos, a sua Natividade assinala o advento de um novo mundo, escorado na redenção do género humano, que será completada com a Sua Paixão.

O conto «Onde está o Menino Jesus?», publicado em 1987¹⁹³⁸, equaciona a questão da natureza de Cristo, inscrevendo-se, deste modo, em um veio literário que havia sido já cultivado por Shri Aurobindo e pelo heterónimo pessoano Alberto Caeiro. Em todo o caso, importa sublinhar, como já o fez Marcello Sandmann, que o texto nataliano instaura uma «ruptura», na medida em que a «narradora faz restrições à “veracidade” de certa passagem da narrativa poética do heterónimo pessoano – àquela que se refere à fuga do menino Jesus do céu, antes de ir morar com o poeta. E esse suposto “falseamento da verdade” que serve de pretexto para a nova narrativa»: «Só há uma coisa em que esse poeta que guarda cabras, ou ovelhas ou lá que é se engana. É quando diz que o menino Jesus fugiu do céu»¹⁹³⁹. Deste modo, a narradora evocará um episódio que teve lugar durante a sua infância, protagonizado

¹⁹³⁵ José Adriano de Freitas Carvalho, «A *imitatio Christi* do cristão e do rei nas *Meditações e Homilias* dum Cardeal-Rei», in *Actas do Congresso Internacional IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, vol. III: *Teologia do Templo e Liturgia Bracarense*, Braga: Universidade Católica Portuguesa/Faculdade de Teologia de Braga/Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1990, p. 274.

¹⁹³⁶ Sandra La Rocca, *L'Enfant Jésus. Histoire et anthropologie d'une dévotion dans l'Occident chrétien*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 2007.

¹⁹³⁷ Aurelio de los Santos Otero, *Los Evangelios Apócrifos* (edición crítica y bilingüe. Colección de textos griegos y latinos, versión crítica, estudios introductorios, comentarios e ilustraciones), 2ª edição, Madrid, La Editorial Católica, 1963 (Biblioteca de Autores Cristianos).

¹⁹³⁸ Natália Correia, «Onde está o Menino Jesus?», in *Onde está o Menino Jesus?*, Lisboa, Edições Rolim, 1987.

¹⁹³⁹ Marcelo Sandmann, «“Onde está o Menino Jesus?” Natália Correia visita Alberto Caeiro», in *Letras. Curitiba*, n.º 43 (1994), pp. 121-127, esp. p. 124.

por ela mesma e pelo Menino Jesus que se encontrava no presépio da sua casa.

É bem sabido como os franciscanos exerceram um papel determinante no sentido de uma reabilitação da figura do Menino Jesus no quadro das devoções: nesta moldura, não será despiciendo lembrar como a recriação do presépio tinha em vista a cristalização de uma imagem do Menino Jesus, enquanto mediador entre Deus e os Homens, apelando à dimensão afetiva e ternurenta que aquela encerra. No entanto, Natália Correia desconstrói esta tradição, subvertendo os dogmas do Cristianismo, colocando em cena um Menino Jesus que, pese embora o facto de estar no presépio, se apresenta como uma figura, cujo discurso se pauta por uma acentuada ironia, em nada compatível com a imagem ancestral do Salvador do Mundo, declinada, desde logo, pela Sagrada Escritura. Com efeito, este Menino Jesus não se mostra minimamente preocupado com a redenção da humanidade, recusando-se, desde logo, a sofrer o martírio na cruz:

«– Crescer? Era o que faltava! Para pregarem comigo na cruz?!
Nessa é que eu não caio.

Tentei defender o meu ponto de vista:

– Mas se tu não cresceres, nunca mais sais do berço...

– Pois aí é que está. É precisamente esse o meu drama. Se cresço, enfiam-me na cabeça uma coroa de espinhos e põem-me na cruz a verter sangue pelos séculos fora para remir as pulhices dessa canalha que s está marimbando para os meus sofrimentos. Se não cresço, prendem-me para sempre neste cochicho de palhinhas onde me obrigam a ser o pretexto para uma comédia de bons sentimentos que só se hospedam nas suas atitudes durante o Natal»¹⁹⁴⁰.

A natureza divina do Menino Jesus é também equacionada nesta breve narrativa, encenando uma espécie de anulamento da renovação universal em Cristo, que não permite ao Homem ultrapassar a sua condição de pecador:

«– Coitadinho... estás completamente só...

Ele suspirou:

– É o fado dos deuses.

Este desabafo encheu-me de um respeitoso assombro:

– Ah, então sempre é verdade que tu és um deus?!

Pareceu-me que ele não estava muito convencido disso porque reflectiu antes de responder:

– Bom, confesso que tenho algumas responsabilidades na criação desse mito. Porque eu disse umas coisas diferentes. Mas eles

¹⁹⁴⁰ Natália Correia, «Onde está o Menino Jesus?», *ob. cit.*, p. 13-14.

deturparam tudo e foi com essas patranhas que fizeram de mim um deus».¹⁹⁴¹

É bem sabido como, na moldura das devoções e da meditação, a Paixão de Cristo¹⁹⁴² ocupa uma centralidade inequívoca, refletindo, assim, a influência que esta veio exercendo ao nível da espiritualidade, a partir da Baixa Idade Média, que foi cristalizando a imagem do Cristo sofrente. De resto, a ideia de que a paixão de Cristo foi a mais dolorosa de sempre, escorada na convicção de que o Seu corpo sofreu mais do que qualquer outro, pois era perfeito, havia já sido destacada por Jacques de Voragine, na *Legenda Aurea*¹⁹⁴³. Mas a obra nataliana equaciona esta problemática em outros moldes.

José Augusto Mourão chamou já a atenção para o facto de a obra de Natália Correia se integrar no contexto do «politeísmo português (imanentista) e que vem até nós através de Camões, Pessoa e Pascoaes»¹⁹⁴⁴, coagulando a influência dos escritos de Joaquim de Flora e declinando diversas releituras, escoradas na interpretação da Terceira Idade do Espírito Santo. Este autor defende que *O Armistício* representa «o melhor desenvolvimento» da tese panteísta, com raízes nas doutrinas de Joaquim de Flora¹⁹⁴⁵, defendendo a teoria da «descrucificação»¹⁹⁴⁶.

O poema «A festa da descrucificação» declina uma desconstrução dos textos evangélicos e da tradição. A título de exemplo, evoquemos esta passagem: «[...] Ó friorento Cristo atraído / Pelo culto que te usurpa a leda fala! / Pois no caudal dos deuses és o facho / De uma meiga alegria que faltava. / [...] Doce derriço, das samaritanas, / Consolação de corações esquecidos, / Companheiro gentil de putas santas, / Irmão de adúlteras, estrela dos vadios. // O blasfemo temor de usar a vida / Não cessa de matar-te e o clarão / Te apagou na impúdica agonia / De dor durando na crucificação. // Mas a paráclita Pomba nos conduz / À Mãe dos deuses que te descrucifica; // E a tua divinal gota de luz / Já na orvalhada do Pentecostes brilha. // Entre os mais deuses, singelo e comovido, / Tua amável doçura jubilosa / Folgará num crepitar macio / De deus mais brando, mais simples e mais jovem»¹⁹⁴⁷. Se o mar-

¹⁹⁴¹ Natália Correia, «Onde está o Menino Jesus?, ob. cit., p. 19-20.

¹⁹⁴² José Adriano de Freitas Carvalho, «Evolução na evocação de Cristo sofrente na Península Ibérica (1538-1630)», in *Homenaje a Elías Serra Ráfols, II*, La Laguna, Universidad de La Laguna, 1970, p. 47-70.

¹⁹⁴³ « Dans sa Passion, Jésus Christ souffrit d'amères douleurs: Il fut indignement emprise; mais nous procura des avantages d'une valeur immense. La douleur fut produite par cinq causes (...) 4.º A raison de la délicatesse de son corps » (Jacques de Voragine, *La Légende Dorée* (trad. de J.-B – M. Roze), vol. I, Paris, Flammarion, 1967, p. 256-258).

¹⁹⁴⁴ José Augusto Mourão, «A mística pentecostal de Natália Correia», ob. cit., p. 130.

¹⁹⁴⁵ José Augusto Mourão, «A mística pentecostal de Natália Correia», ob. cit., p. 130

¹⁹⁴⁶ José Augusto Mourão, «A mística pentecostal de Natália Correia», ob. cit., p. 130.

¹⁹⁴⁷ Natália Correia, «A festa da descrucificação», in *Poesia completa: o sol nas noites e o luar nos dias*, Lisboa, Dom Quixote, 1999, p. 508.

tírio de Cristo é enaltecido em muitas composições poéticas – lembremos, a título de exemplo, como, ao longo do Maneirismo, a imagem de Cristo crucificado foi largamente destacada, no sentido do desenvolvimento de um discurso polarizado em torno da misericórdia divina e da memória do sacrifício –, este texto de Natália Correia subverte toda a lógica da Redenção e da relação entre o humano e o divino. Como sublinha Isabel Allegro de Magalhães, Cristo é integrado em um panteão constituído por deuses «mutáveis», «mas na condição de “des-crucificado”, retirado do seu “anoiteci[mento] na cruz” e restituído à vida e à “alegria que faltava”, acrescentando ao divino algo de novo; a presença do Espírito que leva a um Pentecostes, isto é, à sua manifestação, e conduz a uma entidade última chamada “Mãe dos deuses” que por vezes parece coincidir com, ou ser parte de, o único Espírito divino. É ela, por ser feminina e Mãe, quem poderá descrucificar o crucificado»¹⁹⁴⁸. O poema ressent-se, assim, de uma tensão, que já se fazia sentir em muitas obras publicadas ao longo do século XX: a título de exemplo, lembremos o *Cristo recrucificado* (1954) de Nikos Kazantzakis.

O soneto «Nasce um deus, outros morrem», incluído na obra *O Dilúvio e a Pomba*, equaciona também a questão da Redenção, «anulando» a missão salvífica de Cristo: «Tanto mal vos farei como esta vagem, / disse, e ao suplício abandonando o espólio, / cordeiro crucial ficou na imagem / de um perpétuo e roxo torcicolo. // Remoto a dois mil anos de viagem, / carregado de cera e latinório, / quem o conhece sob esta tatuagem? / por mais que o sirvam cálix e cibório. // Vergado ao chumbo do tredo figurino, / só no Natal se lembra que é menino / e de figos e mel tem muita pressa. // Brinquedo que as crianças alucina, / à meia-noite em ponto lhes ensina / a loucura do Deus que recomeça»¹⁹⁴⁹.

Os relatos declinados nos Evangelhos sobre a Paixão de Cristo são também objeto de desconstrução e reescrita na peça de teatro *O Encoberto* (1969): neste sentido, Natália estabelece um paralelo, pautado por aproximações, mas também distanciamentos, entre a figura do rei Encoberto, isto é, D. Sebastião – que, nesta peça, se chama Bonami-rei – e a de Cristo. Como já realçou Maria de Fátima Marinho, «partindo assim do aproveitamento de uma figura com existência real e documentada no passado, Natália Correia acaba por se servir de ingredientes díspares que contribuem para acentuar de um modo frequentemente desconcertante a pretendida ambiguidade e correspondente efeito paródico. E a paródia situa-se em relação aos mais diversos hipotextos, desde a bibliografia sobre o derrotado de Alcácer-Quibir, à tragédia clássica e ao Novo Testamento»¹⁹⁵⁰. Revisitando a trágica narrativa

¹⁹⁴⁸ Isabel Allegro de Magalhães, «Rastos bíblicos na obra de Natália Correia», art. cit., p. 77.

¹⁹⁴⁹ Natália Correia, «Nasce um deus, outros morrem», in *O Dilúvio e a Pomba*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1979, p. 41.

¹⁹⁵⁰ Maria de Fátima Marinho, «D. Sebastião entre o Ser e o Parecer (a propósito de *O Encoberto*)», in *Natália Correia, 10 Anos Depois...*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto/

em torno do desastre de Alcácer-Quibir e do desaparecimento de D. Sebastião, Natália Correia apresenta «em cena» uma releitura deste episódio, em que a comparação do funesto destino de «O Desejado» com o de Cristo é inegável. Deste modo, o Encoberto será punido, pelo facto de ter alimentado a esperança dos portugueses, configurando-se como um «falso Messias». Atente-se, a título de exemplo, no discurso de Bonami-Rei, dirigindo-se a D. João de Castro:

Tu que sabes deles o que eles não sabem de si próprios, que és a sua memória em flor quando eles dormem e o seu nó na garganta quando estão acordados, tu que sonhas com o desespero de quem se sabe arriscado a desaparecer, tu cuja vulgaridade me exigiu que fosse extraordinário, cuja cobardia me pediu que fosse herói, cujo nojento apego à vida me reclama uma morte redentora, diz-me: qual a verdade que me abre o reino da eternidade?¹⁹⁵¹,

e continua: «Escutai a confissão do monstro que por vós se deixa morrer. Não estou inocente. Sou um louco. Um triste exemplo dessa crise de responsabilidade que de vez em quando perturba a razão dos homens»¹⁹⁵².

Visitando o sepulcro de Bonami-Rei, no terceiro dia após a sua morte, Ju-Ju irá encontrá-lo vazio, crendo, assim como os homens, que a execução havia sido, afinal, uma farsa¹⁹⁵³. Assim, o texto de Natália Correia projetará uma visão escatológica que ancora as suas esperanças em uma dimensão extraterrestre, através da voz da «Terceira Mulher»: «a voz dos profetas que dizem que D. Sebastião está exilado num planeta onde o tempo não apodrece a carne e que há-de vir numa dessas naves»¹⁹⁵⁴. Se, no Livro do Apocalipse, lemos que Cristo, na segunda Parusia, virá montado em um cavalo branco, o texto de Natália Correia desconstrói esta passagem, «desmistificando» a crença na Redenção da humanidade.

No romance *A Madona* (1968), a protagonista feminina, Branca, através das suas viagens pela Europa, encontra uma espécie de imitador do modelo de Cristo:

Como numa feira, os locais de atracção improvisados pelo delírio consentido de inofensivos profetas citadinos, disputavam-se a concorrência dos transeuntes pescando-os com um ou outro estratagema mais espectacular.

Secção de Estudos Franceses do DEPER, 2003, p. 33.

¹⁹⁵¹ Natália Correia, *O Encoberto* (2ª edição), Fernando Correia de Melo/Edições Afrodite, s/d, p. 116-117.

¹⁹⁵² Natália Correia, *O Encoberto*, ob. cit., p. 117.

¹⁹⁵³ Natália Correia, *O Encoberto*, ob. cit., p. 118-119.

¹⁹⁵⁴ Natália Correia, *O Encoberto*, ob. cit., p. 121.

Dobrado ao peso de uma cruz que envergonhava em tamanho a do Calvário, um homem que teria quando muito trinta anos pregava numa voz rancorosa que contrastava com a sua voluntária humilhação de crucificado, contra o muro da vergonha. Empastadas por uma sujidade que proclamava o seu desprezo pela carne, as longas farripas louras do cabelo e da barba formavam um emaranhado por entre o qual fuzilavam uns olhos que respingavam mais raiva do que santidade quando ele retomava a toada maquinal com que ia exortando a Humanidade à crucificação geral enquanto não ruissem as pedras levantadas pelo satanás da intriga política.

De vez em quando a estrela do crucificado empalidecia submergida por um coro de gargalhadas. Era quando no ombro do seu mais próximo concorrente, um papagaio preludiava a visão do fim do mundo, mastigada depois pelo seu empresário num *cockney* que resumava a ressaca alcoólica e que era o ponto culminante do espectáculo oferecido por este alegre funcionário do remorso de uma cidade. De olho alerta, o desfeito parodiante de Cristo, tirava então vantagens do silêncio do papagaio e, retocando sob o jugo da cruz, a mímica da imolação do justo, ganhava forças para recrutar novos basbaques. Mas o visionário das sarjetas, consciente da irresistível eloquência do verbo divino reproduzido sem transcendência por uma ave falante, fazia novamente desafinar no esganiçado aparelho vocal as trombetas do Apocalipse:

– Bem-aventurado aquele que ouve as palavras desta profecia porque o tempo está próximo.¹⁹⁵⁵

No mesmo romance, Natália Correia convoca a questão da salvação, como lemos neste trecho, demarcando-a de todas as concepções conotadas com os princípios do cristianismo:

Na manhã seguinte, quando acordei, abri a janela do quarto e espreitei o olhar pelas lombas lilases que se delineavam num amanhecer de fumo. Esbatidos verdes escorriam pela prata embaciada dos xistos. Uma onda de longínquos sinos, empurrada por um vento leve, quebrava-se nos rochedos num cantante estilhaçar de vidros.

“Estará aqui a salvação? – perguntei-me – Esta paisagem obriga a olhar e a ouvir as coisas. É a isso que se deve a ideia dos deuses. Deuses sem metafísica, sem teologia, imanentes, concretos, palpáveis como pedras, audíveis como rumor de folhagem. [...] Deuses riso-nhamente amorais e simplificadores de almas”.¹⁹⁵⁶

¹⁹⁵⁵ Natália Correia, *A Madona*, 3ª edição, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986, pp. 56-57.

¹⁹⁵⁶ Natália Correia, *A Madona*, ob. cit., p. 92.

Se, de acordo com a tradição, a história da salvação se configura como um itinerário terreno que atingirá o seu corolário no futuro, com a segunda vinda de Cristo, esta conceção perde todo o seu sentido na obra de Natália Correia. De acordo com Ângela Maria Duarte de Almeida, «sendo o panteísmo uma postura gnóstica utópica, Natália subverte o seu desencanto pessoal, criando um topo ficcional onde tudo coexiste numa anacronia anterior propícia à divinização do Homem, da Terra e do cosmos, do conhecimento, da sabedoria, da diversidade civilizacional, cultural, ideária»¹⁹⁵⁷. Nesse sentido, retomando as doutrinas joaquimitas, Natália Correia desenvolve a sua visão de natureza feminista da Terceira Idade do Espírito Santo, ou seja, «uma era feminina, que elevará a humanidade à perfeição, à sua divinização»¹⁹⁵⁸, em que a missão salvífica e redentora «corporizada» por Cristo se revela despida de qualquer significado. Mas os textos de Natália Correia revestem-se de uma natureza «aberta», sendo, assim, passíveis de múltiplas releituras, que permitirão (re)equacionar as questões polarizadas em torno da Redenção da humanidade, declinando um constante diálogo entre a Literatura e os Fins Últimos.

11.15. António Ramos Rosa: a redenção da cisão entre o homem e o Universo pela palavra poética

Miguel Real

Em *António Ramos Rosa. Um Poeta* in *Fabula* (2005), Paula Cristina Costa escreveu que o poeta, no seu quarto da Rua Barbosa do Bocage ou na Residência Faria Mantero, em Lisboa, onde passou os últimos anos de vida, «lembra um monge no retiro de oração ou um qualquer budista-zen que deseja o Nirvana, pela sua obsessiva atitude de abnegação para tudo que não seja, essencialmente, poesia»¹⁹⁵⁹. Com efeito, não só na teoria por si produzida mas sobretudo na sua existência concreta, quotidiana, António Ramos Rosa (1924 – 2013) encontrou na palavra poética uma forma superior de redenção, designada nos seus livros por «autonomia da poesia», ou seja, em síntese, que a obra literária não só se bastava a si própria como resumia a essência humana.

¹⁹⁵⁷ Ângela Maria Duarte de Almeida, *O Panteísmo Pentecostal de Natália Correia e o culto do Espírito Santo nos Açores*, ob. cit., p. 12-13.

¹⁹⁵⁸ José Eduardo Franco; José Augusto Mourão, *A influência de Joaquim de Flora em Portugal e na Europa. Escritos de Natália Correia sobre a utopia da Idade Feminina do Espírito Santo*, ob. cit., p. 128.

¹⁹⁵⁹ Paula Cristina Costa, *António Ramos Rosa. Um Poeta* in *Fabula*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 2005, p. 33.